

Tirando de letra:

- ✓ orientações
- ✓ simples e
- ✓ práticas para
- ✓ escrever bem

Chico Moura e Wilma Moura

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Introdução 9

1. O que é preciso saber para produzir uma escrita competente 11

Tenha claro o que você quer dizer 13

Prepare-se para expor suas ideias 14

Defina seu objetivo principal 14

Formule uma tese como ponto de partida 15

Selecione um tipo de texto 16

Conheça seu leitor 22

2. Como organizar o texto 25

Planeje o que vai escrever 26

Escolha seu método de desenvolvimento 27

Faça do parágrafo uma unidade de composição 38

Seja breve na introdução 43

3. Caminhos a seguir 47

Os verbos têm vozes: escolha-as com cuidado 48

Fique atento às palavras desnecessárias 51

Expresse ideias coordenadas de maneira similar 55

Preste atenção às possíveis ambiguidades 58

Use partículas expletivas com parcimônia 62

Finalize as frases de maneira enfática 63

Dê preferência a frases com verbos de ação 65

Substitua pares de palavras redundantes
por palavras isoladas 66

Prefira expressões simples ou palavras únicas 69

Use o nível de linguagem adequado ao contexto 71

4. Procedimentos a evitar 73

Não use negativas indiretas 74

Evite “terceirizações” anônimas 75

Não abuse dos comentários pessoais 76

Descarte categorias redundantes 77

Fuja de termos esnobes ou empolados 78

Considere eliminar advérbios e adjetivos 80

Elimine repetições desnecessárias 82

Não se renda à mesmice das palavras da moda 88

Evite estrangeirismos desnecessários 91

5. Como garantir a coesão e a coerência do texto 95

Conecte seus pensamentos, relacionando
sentenças e parágrafos 96

Conecte o final de uma sentença com
o começo da próxima 103

Ajude o leitor a estar ciente do verbo
correspondente a cada sujeito 105

Fique atento à correlação dos tempos verbais 107

Organize seu texto seguindo uma progressão natural 109

6. Como pontuar: ritmo e sentido 113

- Use o ponto-final para enfatizar suas ideias 116
- Empregue a vírgula para separar partes da frase 119
- Empregos obrigatórios da vírgula 121
- Empregue os dois-pontos para antecipar uma ideia 128
- Use ponto e vírgula para sugerir conexão 129
- Use travessão como recurso de ênfase 132
- Seja econômico no uso da exclamação 134
- Use reticências para deixar o pensamento em suspenso 137

7. Rever e reescrever: passo indispensável 139

- O que deve ser observado 141
- A reescrita na prática 148
- Dúvidas recorrentes 155
- Glossário 181
- Bibliografia 187
- Referências bibliográficas dos exemplos citados 189
- Índice remissivo 199

Introdução

Seria a capacidade de escrever bem algo restrito a um pequeno número de pessoas talentosas?

Esse e outros tantos mitos relacionados à escrita são bastante difundidos aqui e ali. No entanto, eles não encontram correspondência na prática. Qualquer pessoa interessada é capaz de produzir bons textos, desde que conheça princípios básicos da escrita e certos aspectos relacionados ao estilo. Ou seja, a produção de bons textos não depende de nenhuma dádiva especial. Mas o que é um bom texto?

A resposta a essa pergunta depende de diversos aspectos, como a intenção de quem escreve e para quem escreve, e do contexto em que escreve. O bom texto é aquele que atende às necessidades decorrentes desses fatores. O “bom”, neste caso, pode ser entendido como “adequado”. Um texto formal, extremamente bem estruturado, com tratamento cerimonioso e vocabulário apurado estaria longe de ser bom, se o contexto a que se aplicasse fosse informal. Do mesmo modo, um texto coloquial, descontraído, sem grandes preocupações com exatidão vocabular ou estrutura formal, na escrita de um documento, estaria muito inadequado.

O objetivo deste livro é explicitar esses princípios e tratar de questões estilísticas em geral pouco abordadas nos manuais existentes. Sempre com referência à escrita não ficcional.

Não se pretende trabalhar partindo nem de gênero nem de tipologia textual, ainda que sejam mencionados quando for o caso, e sim de elementos básicos de estilo; também a correção gramatical — apesar de necessária — não terá lugar de desta-

que. Vale o mesmo para as técnicas argumentativas ou narrativas e textos literários.* O foco será a organização do texto, a clareza e a precisão, a concisão, a coerência e a coesão, o ritmo; enfim, elementos de estilo que podem auxiliar na elaboração de textos em geral.

Em língua inglesa, existe uma tradição bastante forte de produzir guias de escrita, que resultou em obras que consagram autores como William Strunk Jr. e E. B. White (*Elements of Style*), Stephen Wilbers (*Keys to Great Writing*), passando por William Zinsser (*On Writing Well*) e chegando a Steven Pinker (*The Sense of Style*), para citar apenas alguns. Cada um trilhou caminhos próprios, indo dos mais prescritivos aos que negam a importância das regras.

Nós bebemos dessas fontes ao conceber este livro. Porém, nossa experiência como professores de redação e autores e editores de obras dedicadas ao ensino nos indica uma posição intermediária: por um lado, temos de fornecer alguns parâmetros que, em geral, levam a acertos e mostrar o que é melhor evitar. Por outro, temos claro que não é seguindo regras de como redigir que alguém vai se tornar um escritor. Longe disso, a ideia aqui é fornecer ferramentas básicas para que o leitor deste livro tenha segurança para escrever de maneira simples e correta. Tendo domínio desses mecanismos, terá condições de quebrar tantas regras quantas queira, mas ciente de que as está quebrando e sabendo por que está fazendo isso. E aí, terá surgido um escritor de fato competente, com personalidade e estilo próprio.

* Termos específicos da gramática ou da linguística estão explicados no glossário.

O que é preciso
saber para
produzir uma
escrita competente



Num mundo repleto de atrativos que concorrem fortemente pela atenção das pessoas, não é fácil manter o interesse de alguém por um texto escrito. E se a redação não estiver boa, então pode esquecer: ele será abandonado rapidamente pelo leitor.

São vários os problemas que podem comprometer um texto e levar o leitor a perder o interesse: se for muito palavroso e carregado de termos empolados, pode ficar incompreensível; se as frases forem mal construídas, o leitor pode entendê-las de maneiras diversas e não alcançar o sentido pretendido pelo autor; se o escritor mudar os pronomes ou alterar o tempo dos verbos no meio do parágrafo, o leitor pode se perder e não saber mais quem está falando ou quando a ação ocorreu; se a sequência das frases não estiver lógica, é provável que o leitor não consiga fazer as conexões esperadas; o escritor, em cuja cabeça essas conexões estão claras, pode não ter se dado ao trabalho de torná-las explícitas. E por aí vai.

Para ser competente, ou seja, para atingir os objetivos para a qual foi produzida, qualquer escrita precisa seguir alguns princípios básicos de composição. Não se trata de uma fôrma, um molde dentro do qual colocar um conteúdo, mas de um modo de expressá-lo que contribui para a sua eficácia.

O primeiro — e talvez o mais importante atributo de um texto — é a clareza. A ponto de, já no século xix, o crítico literário britânico Matthew Arnold ter afirmado ser este o único segredo do estilo: “Tenha algo a dizer e o faça da maneira mais clara possível”.

Além da clareza, simplicidade, concisão, precisão, coerência, coesão e ritmo são atributos que devem estar presentes nos textos. Não se está tratando, aqui, do texto literário, que segue outros parâmetros que não nos propusemos a abordar.

Antes de nos determos em cada um desses atributos — o que será feito em capítulos subsequentes —, vamos apresentar a seguir alguns princípios elementares como ponto de partida.

Tenha claro o que você quer dizer

Por que você está escrevendo? Que informações, pensamentos e experiências você quer relatar para o seu leitor? Por quê? Saber o propósito da escrita é condição necessária para a sua adequação.

Tendo em conta seu objetivo e seus pontos de vista, qual é a melhor forma de organizar esse material?

Qual o modo mais eficiente de ilustrar e fundamentar seus argumentos?

Como você pode expor seus pontos de vista de maneira fluida, conectando-os logicamente?

Essas perguntas, que precedem o ato de escrever, servem de orientação para o esboço, que é o passo inicial da produção de texto. Ter um esqueleto a ser preenchido facilita a redação.

Prepare-se para expor suas ideias

Supondo que você tenha escolhido o assunto sobre o qual vai escrever, comece se questionando:

- O que você sabe a respeito do assunto é suficiente para escrever sobre ele de maneira significativa?
- Você está disposto a despende esforço e tempo para buscar as informações necessárias?
- Você é capaz de apresentar esse assunto de modo que seja interessante, relevante e útil para o seu possível leitor?

Se a escolha do assunto não for sua, mais um motivo para você se preparar antes de começar a escrever. Não é perda de tempo, pelo contrário. Quanto mais você souber sobre o tema, mais condições terá de desenvolvê-lo de maneira consistente.

Defina seu objetivo principal

Em geral, escreve-se para informar, persuadir ou entreter. Essas categorias não são excludentes, podendo muitas vezes estar misturadas, mas uma delas sempre se sobrepõe às demais. Ter certeza sobre seu objetivo é fundamental para que o trabalho seja bem-sucedido, pois disso dependem várias decisões que é preciso tomar durante o processo de escrita: como abordar o assunto, como desenvolvê-lo, quais

argumentos empregar e como usá-los, se é ou não o caso de exemplificar, se cabe ou não expor seu ponto de vista, entre outras tantas.

Formule uma tese como ponto de partida

Esse passo se aplica apenas a alguns tipos de textos. Ele tem a ver, sobretudo, com as escritas persuasivas, aquelas em que a intenção de quem escreve é convencer seu leitor de alguma coisa.

A tese não pode ser tão restrita que não se possa discuti-la (por exemplo, “As estações do ano duram três meses”), nem tão ampla que não caiba em um número razoável de páginas (“O governo não está preocupado com o meio ambiente”).

Primeiro se estabelece o tema e, a seguir, os aspectos que serão trabalhados. Por exemplo, dentro do tema “governo e meio ambiente”, podem ser considerados o uso de combustíveis fósseis e o desmatamento. Nesse caso, a tese poderia ser algo como:

Medidas como o incentivo ao uso de combustíveis fósseis e a falta de controle do desmatamento por empreendimentos imobiliários revelam falta de compromisso do governo com o desenvolvimento sustentável.

Selecione um tipo de texto

Escolhido o assunto e estabelecido o objetivo do texto a ser escrito, há vários caminhos possíveis.

Você pode escolher entre descrição, narração, exposição e persuasão. Cada um deles tem vantagens. Dependendo do seu objetivo, do leitor e do assunto escolhido, selecione o mais adequado para auxiliá-lo a alcançar sua meta. Na maioria das vezes, você irá empregar uma combinação desses tipos.

Quando quiser fornecer dados sobre uma pessoa, um objeto, uma cena, um local, empregue a descrição

Mostrar é mais eficiente do que *contar* ao leitor.

As descrições podem ser tanto objetivas como subjetivas. As objetivas se valem de aspectos factuais, que podem ser percebidos por qualquer observador. As subjetivas dependem do olhar de quem descreve. Em geral, a descrição que apela aos cinco sentidos e que se vale de aspectos concretos tem um impacto maior. Além de facilitar a comunicação com o leitor, pode levá-lo a compreender melhor o que se pretende descrever.

Veja estes dois casos:

Espremida dentro de muralhas romanas, medievais e do século 17, a teia de ruas de Évora representa riqueza

arquitetônica e cultural. Da imponente catedral, uma caminhada pelas lojas de artesanato da rua 5 de Outubro leva à praça do Giraldo, a agitada praça principal da cidade, cujas arcadas são uma lembrança da influência mourisca. A religiosidade de Évora se reflete na quantidade e variedade de igrejas. São mais de 20 igrejas e mosteiros incluindo a Capela dos Ossos. Os excelentes restaurantes da cidade e os nomes curiosos de algumas de suas ruas históricas, como Beco do Homem Não Barbeado ou rua do Alfaiate da Condessa, tornam a cidade alegre e ainda mais prazerosa.

(*Guia visual: Portugal, Madeira e Açores*, p. 304.)

Vê um nariz batatudo, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota. Boca estranhamente juvenil entre queixo e bochechas tomados por rugas finas, pele um pouco flácida. Barba feita. Orelhas grandes com lóbulos maiores ainda, parecendo esticados pelo próprio peso. Íris da cor de café aguado no meio de olhos lascivos e relaxados. Três sulcos profundos na testa, horizontais, perfeitamente paralelos e equidistantes. Dentes amarelados. Cabelos loiros abundantes quebrando numa única onda por cima da cabeça e escorrendo até a base da nuca.

(Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue*, p. 13.)

Notou a diferença? Ambos os textos são descritivos, mas se valem de recursos bem diversos. Nos textos técnicos ou de divulgação científica, bem como em manuais e guias

(como no primeiro caso), a descrição é predominantemente objetiva. Até-m-se àquilo que é observável. Na ficção, a descrição é, em geral, mais subjetiva, tem a ver com o olhar de quem está descrevendo (como na caracterização de personagem que abre o romance de Daniel Galera).

Para contar uma história, use a narração

Contar histórias não é simples. Exige uma habilidade especial para criar tensões dramáticas de forma a despertar o interesse do leitor. Além de ser usada em textos ficcionais, relatos, depoimentos, notícias e acontecimentos históricos, a narração também pode ser empregada em textos expositivos e persuasivos.

Veja um exemplo de narração num texto de ficção escrito por Raduan Nassar, um mestre da prosa narrativa:

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; não eram duendes aqueles troncos todos ao meu redor, velando em silêncio e cheios de paciência meu sono adolescente? que urnas tão antigas eram essas liberando as vozes protetoras que me chamavam da varanda? de que adiantavam aqueles

gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera? (meu sono, quando maduro, seria colhido com a volúpia religiosa com que se colhe um pomo).

(Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*, pp. 13-4.)

Agora, observe o emprego da narração num trecho de um relato jornalístico:

[O ator] Teodoro Nunes vive sem luz há ininterruptos treze anos e dez meses. Dispôs de eletricidade entre 1994, quando se mudou para o apartamento que pertence à sua família, e 1998, quando o antigo morador se lembrou de cancelar o débito automático da conta. Períodos com e sem energia se intercalaram até o apagão definitivo, em outubro de 2002, motivado por um episódio nebuloso na memória do ator.

(Guilherme Novelli, *piauí*, p. 11.)

Bem diferentes, sem dúvida, mas ambos narrativos, habilmente construídos para contar histórias: ficcional a primeira, real a segunda.

Para informar o leitor, use o texto expositivo

O texto expositivo é utilizado nos mais variados campos profissionais, da escrita técnica e científica até a acadêmica e jurídica. Em geral, esse tipo de texto incorpora os outros

três — descrição, narração e persuasão — e assume um tom mais impessoal e objetivo.

Pode parecer mentira, mas a Terra está hoje mais verde do que há 30 anos, e tudo graças ao aumento dos níveis de dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera, que atuaram como “fertilizante” para as plantas. A conclusão é de um estudo internacional publicado hoje (25) na revista científica *Nature Climate Change*, uma das publicações com maior impacto científico.

A investigação concluiu que, entre 1982 e 2015, verificou-se uma subida significativa da biomassa verde em quase metade das regiões do mundo (40%). Ao mesmo tempo, em apenas 4% do planeta se detectou uma perda significativa de vegetação.

(Agência Lusa, site Agência Brasil.)

Observe que, nessa explicação, houve o cuidado de citar uma fonte — o nome da revista — valorizada no mundo científico, de modo a conferir “autoridade” ao que está sendo noticiado: a despeito das expectativas em contrário, houve aumento do verde no planeta. Trata-se de um recurso particularmente útil quando se quer relatar algo que vai contra o senso comum e precisa ser justificado.

Para convencer o leitor a pensar, agir ou sentir de uma determinada maneira, empregue o texto persuasivo

Do mesmo modo que a exposição, também a persuasão incorpora as demais tipologias textuais. Mas, nesse caso, o propósito é influenciar o pensamento, as ações ou os sentimentos do leitor. O texto expositivo é mais focado no assunto; o persuasivo, no leitor. Desse modo, a escolha da palavra mais adequada, do tom mais envolvente, da argumentação mais convincente é estratégica.

A linguagem persuasiva é muito utilizada em campanhas comunitárias, produzidas por órgãos governamentais. Veja, por exemplo, os dizeres de um cartaz de uma campanha veiculada pelo Ministério da Saúde, em 2015:

DENGUE E CHIKUNGUNYA

O perigo aumentou. E a responsabilidade de todos também.

E você, já fez sua parte?

Note o uso da palavra “você”, que se refere diretamente ao leitor, foco da mensagem.

Nos artigos de opinião, como neste trecho de um ensaio sobre a preguiça no samba, de autoria da psicanalista Maria Rita Kehl, o convencimento do leitor — sempre ele, o foco do texto — pode se dar por vias menos diretas:

Sambar, tocar, cantar a noite toda, sem preguiça nenhuma, é uma forma de vadiagem que escapa à polarização atividade/inatividade e, em troca, opõe trabalho a prazer, uso útil do tempo a desperdício inútil das horas que o relógio se esquece de marcar e cuja passagem o corpo não dá sinais de reparar. Preguiçoso, o sambista? Que nada: incansável!

(Maria Rita Kehl, "A preguiça na cadência do samba", p. 356.)

Conheça seu leitor

Nada é totalmente neutro em termos de língua. As palavras que você usa, o modo como constrói as frases e as organiza num texto, a consistência e a precisão de suas afirmações, o que você diz ou deixa de dizer e até o que está por trás do que foi dito revelam muito sobre você. E podem aproximá-lo ou afastá-lo do seu leitor.

Trata-se de adequação, de escrever do jeito certo para as pessoas certas. É preciso cautela na escolha das palavras — que têm o poder de incluir ou de excluir leitores —, no uso de pronomes, entre outros cuidados. Alguns estereótipos estão de tal maneira arraigados na linguagem que só nos damos conta deles quando alguém, que se sente atingido, os aponta.

Tudo isso só faz sentido porque quem escreve, em geral, escreve para alguém ler. Pergunte-se: quem é o meu leitor? Como ele se posiciona em relação a mim e ao assunto de que vou tratar? Como posso cativá-lo?

Buscar respostas a essas perguntas ajuda a redigir um texto mais adequado. Quanto mais você souber sobre seus leitores, maior será a probabilidade de êxito na interação com eles.

É o destinatário do texto que dá indícios ao escritor do registro — formal ou informal — a ser empregado, do vocabulário a ser utilizado, do nível de aprofundamento da argumentação. Afinal, é para ele que o texto está sendo escrito.